

Futebol enfrenta bem a recessão

Eduardo Belo
De São Paulo

Depois do extraordinário crescimento de 30,4% em 2016, a receita dos clubes da elite brasileira do futebol aumentou mais 2,7% em 2017. O índice é inferior ao da inflação do ano, de 2,95%, mas ainda assim, um feito em plena cri-

se econômica. Os 22 principais clubes faturaram R\$ 5,11 bilhões no ano passado, segundo a consultoria BDO.

O futebol, apesar de todos os seus problemas, está mais perto de se tornar um negócio de gente grande. O resultado operacional, positivo há três anos, mostra essa melhora. Os longos e pesados déficits ainda existem, mas desde

2015 crescem moderadamente. A dívida total aumentou 3% em 2017, para R\$ 6,9 bilhões nos 22 maiores clubes.

“O crescimento mostra que o futebol brasileiro enfrentou bem a recessão”, diz Pedro Daniel, da BDO. A TV continua sendo o grande sustentáculo dos clubes e respondeu por 37% das receitas em 2017. **Página B9**

Sexta-feira, 1 de junho de 2018 | Valor | B9

Empresas Tendências&Consumo

Futebol Balanços dos 22 principais clubes brasileiros mostram avanços na direção da profissionalização

Times faturam mais e dívida desacelera

Eduardo Belo
De São Paulo

“Futebol é business”. A frase dita por um então recém-eleito presidente de um clube paulista, em 2012, sempre foi uma realidade distante nos clubes brasileiros. Mas aos poucos vai se tornando mais palpável. Depois do extraordinário crescimento de 30,4% em 2016, a receita dos clubes da elite brasileira aumentou 2,7% em 2017 na comparação com o ano anterior. Abaixo da inflação do ano, de 2,95% (IPCA), mas ainda assim um feito, considerada a crise econômica. Os 22 principais clubes amealharam R\$ 5,11 bilhões no ano passado, de acordo com a consultoria BDO.

Não foi só do ponto de vista da receita que o futebol ficou mais perto de se tornar um negócio de gente grande. O resultado operacional mostra essa melhora. São três anos seguidos de desempenho positivo. Os longos e pesados déficits ainda existem, mas desde 2015 pararam de crescer na maioria dos clubes. Ainda assim, o déficit acumulado em dez anos é de quase R\$ 2 bilhões, segundo a BDO.

O gigantesco endividamento das agremiações brasileiras, problema de dez entre dez clubes grandes do país, ainda não começou a retroceder de verdade, mas estabilizou depois do Profut, o programa de renegociação de dívidas fiscais lançado em 2015.

As dívidas continuam em expansão, mas pararam de crescer de forma acelerada há três anos. Em 2017, aumentaram 3% e chegaram a R\$ 6,9 bilhões nos 22 maiores.

“O endividamento é alto, mas parou de subir para cá”, comenta Pedro Daniel, responsável pela área de esportes na BDO. Para ele, o crescimento das receitas nos últimos anos, em meio à crise, mostra que o futebol brasileiro enfrentou bem a recessão. “A situação dos clubes melhorou, com alguns incentivos externos. O maior deles foi o Profut”, diz Daniel.

“De lá para cá os clubes foram obrigados a adotar algumas contrapartidas e isso ajudou a melhorar o cenário”, diz. “Os dirigentes agora podem ser responsabilizados como pessoa física, o que torna o ambiente um pouco mais profissional.”

Mesmo assim, o endividamento exclusivamente tributário cresceu 4% no ano passado, mais do que o endividamento geral, passando de R\$ 2,49 bilhões para R\$ 2,58 bilhões. Um ritmo de crescimento menor que a média dos anos anteriores. Desde 2011, o crescimento desse tipo de dívida foi de 41%.

Mesmo evadida de suspeitas, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passou a atuar como “órgão regulador” e, com isso, agora exige dos clubes critérios de profissionalização por imposição da Fifa. As regras que passarão a vigorar no país nos últimos três anos são praticamente as mesmas adotadas na Europa em 2008 pela Uefa, a associação das federações do velho continente.

A própria Fifa, também maculada por acusações e alvo de processos em fóruns internacionais, especialmente nos Estados Unidos, só adotou os princípios de governança da Uefa em 2015, após o escândalo de corrupção conhecido como “Fifagate”.

Em que pesem os problemas, a falta de transparência e a extensa nuvem de suspeitas das entidades reguladoras, os novos critérios trazem um ambiente de um pouco mais de profissionalismo para a gestão do esporte no país, afirma o analista da BDO.

O que ainda não mudou é a mentalidade de gastar mais do que se arrecada. Como em 2016 a receita cresceu fortemente, por conta da renovação do contrato de direitos de TV — com pagamento de luvras aos clubes na renovação —, muitas agremiações aproveitaram para aumentar as despesas, comenta o consultor.

Sem o extra das luvras, a saída foi reforçar a receita novamente em 2017, mas a partir de outras fontes de recursos. A diferença saiu, principalmente, das transferências de atletas e de patrocínios e publicidades.

As transferências responderam por, em média, 18% da receita dos 22 clubes no ano passado, em 2016 ficaram com 14%. O patrocínio subiu de 11% para 13%.

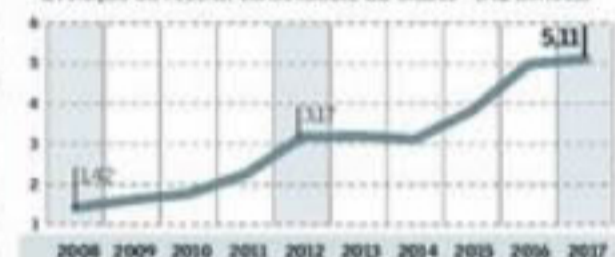
Apesar desse crescimento, a TV continua sendo o grande sustentáculo dos clubes. Em 2016 respondeu por 50% da receita e em 2017, por 37%.

Bola cheia

Situação financeira dos principais clubes brasileiros

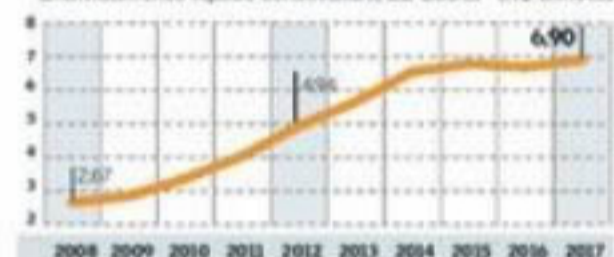
Mais ricos

Evolução da receita consolidada, 22 clubes* (R\$ bilhões)



Alavancagem cresce

Endividamento líquido consolidado, 22 clubes* (R\$ bilhões)



Top 10 da riqueza

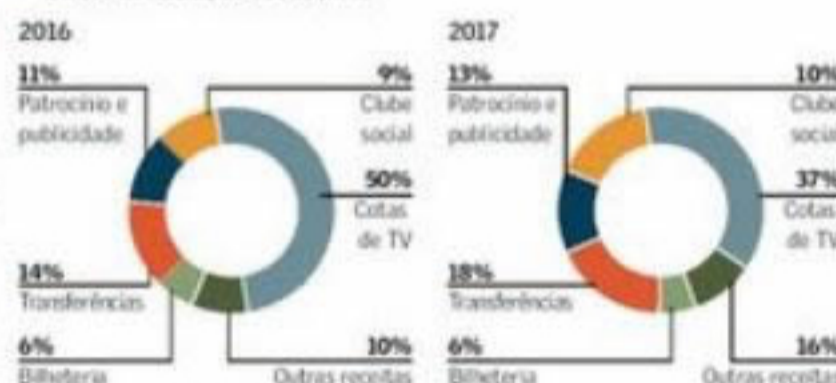
Maiores clubes por receita em R\$ mil

Clube	2016	2017
Flamengo	510,1	648,7
Palmeiras	468,6	503,7
São Paulo	393,4	482,6
Corinthians	485,5	391,2
Grêmio	330,4	364,6
Cruzeiro	238,4	344,3
Atlético MG	316,3	311,4
Santos	295,8	287,0
Botafogo	360,1	264,3
Internacional	292,7	245,9

*Flamengo, Palmeiras, São Paulo, Corinthians, Grêmio, Cruzeiro, Atlético MG, Santos, Botafogo, Internacional, Flamengo, Vasco da Gama, Atlético PR, Corinthians, Bahia, Chapecoense, Sport, Vitória, Ponte Preta, Goiás, América MG, Figueirense.

TV pesa no caixa

Divisão da receita, 22 clubes, em %



Um peso tão grande para um único gerador de receita preocupa, diz Daniel. “Como os clubes são dependentes de uma fonte principal, eles se expõem mais ao risco”, comenta. “Mas isso ocorre, em menor proporção também nos outros mercados.”

Em outros cenários importantes para o futebol, a TV também tem peso grande. Na Itália, constitui disparado a maior fonte. Na Inglaterra, é a principal, mas os grandes clubes conseguem diversificar mais suas receitas.

O inglês Manchester United, por exemplo, tem um terço de sua receita com patrocínio. Não é pouca coisa. O United é o clube de maior receita em todo mundo em 2017, € 676,3 milhões (R\$ 2,87 bilhões), segundo a publicação “Football Money”. Para comparar: o Flamengo, clube de maior receita do Brasil, obteve R\$ 648,7 milhões no ano passado.

Outro inglês, o Arsenal, é o clube que mais fatura com bilheteria no mundo, desde que inaugurou o moderno Emirates Stadium, com capacidade para quase 60 mil pessoas, em 2006. Por ano, o Arsenal tira da bilheteria quase tanto quanto a receita to-

tal do Flamengo no ano passado: o equivalente a R\$ 600 milhões.

Na Espanha, os dois grandes clubes têm uma presença comercial forte. Real Madrid e Barcelona são marcas globais e diversificam bastante o faturamento, boa parte dele obtido em outros países, em especial na Ásia. Já no Brasil, o Palmeiras é o clube com o mix de arrecadação mais equilibrado entre as várias fontes, segundo a BDO.

O Brasil já tem hoje 12 grandes clubes em termos de receita. Isso deve se refletir em campo no médio e longo prazos. O modelo de concentração vai tornar algumas equipes mais competitivas, em especial aquelas que começaram a se profissionalizar mais cedo, caso do Flamengo e do Palmeiras, diz o analista.

Coincidindo ou não, o Flamengo aparece desde o início do Campeonato Brasileiro nas primeiras colocações. Já o Palmeiras, o maior e mais caro elenco do país, escorregou em algumas rodadas e ficou um pouco para trás.

Para Daniel, o grupo que hoje tem 12 gigantes deve se restringir a uma elite de quatro a seis grandes clubes nos próximos

anos. Eles já começaram a se distanciar muito do segundo pelotão. Prova disso é que a receita do Flamengo, o líder do ranking, é 2,46 vezes a do décimo colocado, o Internacional (ver quadro acima). “Com o aumento da profissionalização, e o futebol brasileiro caminha para isso, a concentração vai se tornando irreversível”, afirma Daniel. “Os clubes que não acompanharem não terão condição de competir.”

Apesar das melhoras, o analista considera que a situação financeira dos clubes não é a ideal e tem potencial para melhoras muito. “Espero que essas primeiras iniciativas incentivem outros clubes a seguir o mesmo caminho.”

Se o caminho da profissionalização passa pela transparência, ainda há uma boa distância a percorrer. Os clubes continuam avessos a falar de suas finanças. O Valor procurou seis deles para comentar o levantamento da BDO e falar sobre sua situação e o que estão fazendo para melhorar a gestão financeira. Todos prometeram dar entrevista ou fornecer informações. Durante duas semanas, mesmo cobrados pela reportagem, nenhum respondeu.

Receita recorde com estádios

João José Oliveira
De São Paulo

As receitas com estádios geradas pelos clubes brasileiros atingiram o valor recorde de R\$ 892 milhões em 2017, em comparação aos R\$ 735 milhões em 2016. Os números de levantamento feito pelo Sports Value, consultoria especializada em marketing esportivo. Esse desempenho representa um aumento de 21% em relação a 2016. Este avanço somado ao menor que o registrado em 2013, quando as receitas ampliadas em 34%.

“Embora as receitas com estádios tenham crescido nos últimos anos no país, o futebol brasileiro ainda representa pouco do mercado global de receitas com estádios e arenas — cerca de 0,5% da movimentação global do setor”, afirma Amir Somoggi, sócio da Sports Value.

Em 2017 as receitas com bilheteria e outras explorações no país representaram 50,4% do volume gerado com os estádios, frente aos 49,6% de 2016.

“O crescimento do sócio torcedor fez com que essa fonte aumentasse a participação desde 2012”, diz Somoggi.

Segundo ele, em 2012 as receitas com sócio torcedor representavam apenas 39,2% do total, índice que subiu para 50,4% em 2016 e caiu para 49,6% em 2017.

O Palmeiras lidera o ranking de receitas dos clubes nos estádios, com vendas de R\$ 121 milhões no ano passado, seguido por Flamengo, com R\$ 105 milhões, Internacional (R\$ 68 milhões) e Grêmio (R\$ 66 milhões). O Corinthians não apresenta seu balanço as receitas com estádio, e por isso ficou de fora da análise, desde que deixou de jogar no Pacaembu.